

A VIDA DOS PEQUENOS LAVRADORES NOS ENGENHOS DE PERNAMBUCO A PARTIR DA LEITURA DO ROMANCE O *MATUTO*, DE FRANKLIN TÁVORA

THE LIFE OF THE SMALL FARMERS IN THE
SUGARCANE MILLS OF PERNAMBUCO FROM THE
READING OF THE NOVEL O MATUTO BY FRANKLIN
TAVORA

Márcio Bobik Braga¹

Endereço profissional: Avenida dos Bandeirantes, 3900, sala 44 -
Bloco B2, Bairro Monte Alegre. CEP -14040-905. Ribeirão Preto – SP.

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os aspectos socioeconômicos presentes no mundo dos lavradores ou matutos dos engenhos de cana-de-açúcar da Zona da Mata Pernambucana contidas no romance *O Matuto*, de Franklin Távora. Neste romance, é possível identificar várias características das atividades econômicas exercidas por esses matutos como o cultivo de alimentos, a elaboração de determinados tipos de artesanatos e o exercício do comércio local como a alternativa de complementação da renda e superação da pobreza dos pequenos agricultores nordestinos e suas famílias. O artigo contempla ainda uma análise acerca da relação entre a literatura e a história. Essa relação interdisciplinar é realizada a partir dos conceitos e memória como objeto para a

Abstract: This paper aims to analyze the socioeconomic aspects present in the world of farmers or matutos of sugarcane mills of “Zona da Mata Pernambucana” described in the Franklin Távora's novel *O Matuto*. In this novel, it is possible to identify many characteristics of the economic activities performed by the characters. They include food cultivation, elaboration of some handicrafts types and local trade. These activities were alternatives to supplement income and overcome poverty of these northeastern small farmers and their families. The article also comprises an analysis about the relationship between literature and history. This interdisciplinary relationship is based on concepts and memory as an object for the historiographical research, as well as

¹ Professor do Departamento de Economia da USP, Câmpus de Ribeirão Preto - FEA-RP/USP. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina - PROLAM/USP.

pesquisa historiográfica, além das ações, diálogos e atividades exercidas pelas personagens de ficção.

actions, dialogues and activities performed by the fictional characters.

Palavras-Chave: Franklin Távora; O Maturo; História e Literatura; Zona da Mata Pernambucana; Pequenos lavradores nordestinos.

Keywords: Franklin Távora; History and Literature; “Zona da Mata Pernambucana”; Northeast small farmers.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar os aspectos socioeconômicos e políticos presentes no mundo dos lavradores dos engenhos de cana-de-açúcar da Zona da Mata Pernambucana no século XIX, representado pelas personagens de ficção do romance *O Maturo*, de Franklin Távora. O escritor cearense é conhecido pela sua intenção em elaborar uma *Literatura do Norte* de caráter histórico e regionalista. Essa intenção é revelada no romance que tem como cenário a Guerra dos Mascates (1710 – 1711), evento que, para o autor, evidenciou o heroísmo pernambucano em uma das primeiras manifestações brasileiras pela sua emancipação política. A pesquisa contida neste artigo, entretanto, considera outros aspectos relevantes para a historiografia e que se encontram na ficção em torno das personagens principais que fazem parte do grupo dos pequenos lavradores ou matutos, e que exercem pequenas atividades na Zona da Mata. Além de participarem, junto com os senhores de engenho, do conflito histórico, essas personagens exercem atividades econômicas que incluem não apenas a produção de subsistência, mas também o comércio como alternativa de complementação da renda e superação da pobreza. Nas histórias, é possível identificar detalhes em torno dos alimentos cultivados e determinados tipos de artesanatos e produtos da terra que são comercializados nas cidades do Recife, Goiana e Olinda, além de outras características socioeconômicas que se mesclam com a cultura e com o folclore nordestino. Nesse mundo, Távora sugere o trabalho e a instrução como formas de superação da pobreza e da violência. Também destaca o papel da mulher nas atividades que complementam à renda da família. O objetivo aqui consiste em negar o romance histórico de Távora como narrativa relevante para a história do Brasil. A hipótese principal do artigo é a de que os aspectos que são importantes para a historiografia se encontram nas ações exercidas pelas personagens de ficção, particularmente aquelas que representam os matutos da Zona da Mata Pernambucana.

O artigo busca ainda contribuir para a avaliação da obra literária como fonte para a historiografia. Essa avaliação se coloca de forma particular nas obras de Távora tendo

em vista suas pretensões em escrever romances históricos com ênfase na cultura do *Norte*. A análise d' *O Matuto* busca defender a hipótese de que os aspectos relevantes para a historiografia não devem ser buscados nos relatos relevantes para a História contidas no romance dito histórico, mas nas descrições, ações e diálogos presentes no mundo das personagens de ficção. Dentro desta perspectiva, buscou-se relativizar as críticas que foram destinadas à Távora em suas pretensões como escritor e historiador regionalista.

O artigo está dividido em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. A primeira apresenta algumas questões metodológicas em torno da relação entre a história e a literatura, tomando como referência o autor e obra aqui estudados, tendo com o objetivo referenciar a hipótese principal do artigo. Não se teve a pretensão de esgotar todos os aspectos presentes desta relação interdisciplinar, mas construir uma base teórica mínima para a leitura d' *O Matuto*. A segunda contempla a análise das atividades econômicas exercidas pelos personagens do romance, bem como a comparação de alguns relatos com a historiografia contemporânea como forma de reforçar a verossimilhança da ficção contida na obra do autor.

O romance histórico regionalista de Franklin Távora

A emancipação política do Brasil foi acompanhada pela independência das ideias, particularmente na literatura brasileira. Esta evidência criou certo consenso entre os críticos literários brasileiros acerca da necessidade que os escritores oitocentistas tinham em descrever a realidade do país em seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais. Trata-se do que Antonio Candido chamou de “o lastro real” do romance oitocentista brasileiro, manifesto na verossimilhança, presentes nas obras de ficção, da História e da Sociologia. Segundo Candido, “lugares, paisagens, cenas; épocas, acontecimentos; personagens-padrões; tipos sociais; convenções, usos, costumes – foram abundantemente levantados, quer no tempo (...), quer no espaço”.² O período também pode ser caracterizado pelo esforço empreendido pelas elites intelectuais em compreender o “país mestiço”. Foi o momento em que muitos escritores buscaram mostrar a cultura e o modo de vida do que seria o genuíno tipo brasileiro, particularmente aquele que se encontrava no meio rural. Nessa missão, alguns foram além da ficção ao incorporarem, em seus romances, acontecimentos históricos na intenção de contar a História do Brasil.³

Na trilogia romanesca *O Cabeleira* (1876),⁴ *O Matuto* (1878)⁵ e *Lourenço*

2 CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos. 2º. Volume, 3ª. Edição, São Paulo: Martins Editora, 1969, p. 111.

3 Somente para citar dois exemplos, pode-se considerar o escritor mineiro Bernardo Guimarães, que buscou descrever as Minas Gerais do século XVIII com sua História e Tradições da Província de Minas Gerais; e o cearense José de Alencar, que tratou da Guerra dos Mascates em romance com o mesmo título do conflito.

4 TÁVORA, Franklin. *O Matuto - Chronica Pernambucoana*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902.

5 TÁVORA, Franklin, *O Cabeleira*. Rio de Janeiro: Editora 3, 1973.

(1878),⁶ Távora buscou criar um novo gênero literário que denominou de romance histórico ou *Literatura do Norte*, denominação que também incluía os estados do Nordeste do Brasil. Essa intenção é manifestada no prefácio do primeiro romance dito histórico *O Cabeleira*, onde Távora define suas composições literárias como estudos históricos do *Norte*, buscando “fazer conhecido seus costumes, suas lendas, sua poesia, máscula, nova, vivida e louçã, tão ignorada no próprio templo onde se sangram as reputações, assim literárias, como políticas, que se enviam às províncias”.⁷ Era o momento em que a economia nordestina e sua produção canavieira encontrava-se em decadência e assistia a consolidação do poder econômico e político do *Sul* do café, cuja cultura era cada vez mais influenciada pela imigração e pelo modo de vida das grandes cidades.

A obsessão de Távora em conceber romances com “lastros reais” pode ser percebida em suas críticas destinadas a José de Alencar, presentes nas *Cartas a Cincinato*, publicadas originalmente em 1871. Considerando as obras *Iracema* e *O Gaúcho*, Távora acusou Alencar de ter produzido romances regionalistas “sem dar um passo fora do gabinete”⁸, ou seja, sem ter observado diretamente as regiões que contextualizavam a ficção. Segundo Távora, o abuso da imaginação exercida por Alencar gerou inúmeros erros históricos, o que seria um desserviço ao necessário conhecimento da história e da cultura brasileira.

A grande questão em torno do romance histórico, particularmente aquele que busca descrever uma época anterior ao do autor, está em seu valor como fonte para a historiografia. Isso porque o historiador se depara com pelo menos um problema básico: ele não viveu o período que busca descrever e interpretar. Para superar esse problema, ele se utiliza de documentos de época que se combinam com os métodos científicos disponíveis para o exercício da pesquisa. O escritor, quando se propõe a escrever um romance histórico, esbarra no mesmo obstáculo; porém, por não ser historiador, não necessariamente considera o rigor metodológico necessário à produção historiográfica. Nesse caso, coloca-se o problema do tempo da narrativa em contraste com o tempo do autor. Esse é o caso da obra *O Matuto*, em que Távora busca “contar” a história da Guerra dos Mascates, evento ocorrido no início do século XVIII, na tentativa de mostrar o heroísmo pernambucano na luta pela emancipação econômica e política do Brasil.

O problema do romance histórico complica-se quando se considera as crenças e preconceitos do autor no exercício da descrição e da interpretação dos fatos históricos. A literatura produzida por Franklin Távora serve como exemplo para esse problema. O crítico literário José Veríssimo considerou alguns equívocos cometidos pelo autor em

6 TÁVORA, Franklin, Lourenço (Crônica Pernambucana). São Paulo: Martins; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

7 TÁVOLA, Franklin, *O Cabeleira*. Op. cit, p. 28.

8 TÁVORA, Franklin. *Cartas a Cincinato: Estudos Críticos por Semprônio*. Organização de Eduardo Vieira Martins. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 53.

sua intenção de criar um regionalismo literário como algo genuíno sob o ponto de vista cultural. Apesar de nutrir admiração por Távora, Veríssimo não compartilhou da ideia acerca da existência de diferenças entre o *Norte* e o *Sul* do Brasil como justificativa para uma corrente literária original. Para o autor, as diferenças culturais entre as regiões do país eram evidentes, mas não suficientes para desconstruir uma nacionalidade comum a todos. Sob essa perspectiva, considerou Távora como um autor iludido por uma visão bairrista.⁹ Crítica semelhante foi considerada por Lúcia Miguel Pereira ao analisar a *Literatura do Norte* de Távora. Segundo Pereira, Távora não conseguiu ser nem romancista nem historiador, atingindo no máximo a reputação de bairrista e moralista.¹⁰ O mesmo pode ser lido em Antonio Candido, que interpreta Távora como um autor que busca uma visão ideal da realidade “colocando quase sempre as personagens além da contingência de todo o dia, dotando-as de qualidade acima, ou abaixo da norma”.¹¹ Essa percepção também é compartilhada por Cristina Betioli Ribeiro, que compara os personagens masculinos de Távora como “bravos admiráveis, que ultrapassam as fronteiras do maniqueísmo e não são necessariamente benevolentes, como Robin Hood, mas suficientemente aterradores ou impressionantes para permanecer como mitos na memória popular”.¹² Ou seja, para a crítica literária, Távora deixou a impressão de não ter conseguido superar o desequilíbrio provocado por suas crenças pessoais na apresentação e interpretação dos fatos históricos em seus romances.

A despeito das limitações que podem ser encontradas nos romances históricos, é possível considerar a obra literária como fonte útil para a historiografia. Essa possibilidade foi considerada por Sandra Jatahy Pesavento, que considera o discurso literário e a narrativa histórica como formas distintas, porém complementares no exercício da descrição do passado.¹³ Segundo a autora, o texto literário contempla ações, pensamentos e desejos de um outro tempo e que não é possível de se encontrar nas fontes tradicionais da pesquisa histórica. Tal evidência permite ao historiador considerar *algo a mais* em relação ao seu objeto de estudo. Trata-se, em última análise, de incluir no universo das fontes disponíveis para a historiografia, o texto literário como uma representação das memórias do escritor, ainda que combinadas com a imaginação artística que se manifesta nas personagens de ficção. No âmbito da História Cultural, tal representação foi considerada por Peter Burke ao afirmar que a memória, por ser uma elaboração inconsciente, acaba por se adaptar aos métodos correntes de

9 VERÍSSIMO, José. Estudos de Literatura Brasileira: 5ª. Série. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977, p. 73 - 78.

10 PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa e Ficção: História da Literatura Brasileira, de 1870 a 1920. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 49.

11 CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos. Op. cit., p. 302.

12 RIBEIRO, Cristina Betioli. Um Norte Para o Romance Brasileiro: Franklin Távora Entre os Primeiros Folcloristas. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 195.

13 PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: Uma Velha-Nova História. In COSTA, Clélia Botelho e MACHADO, Maria Clara Tomaz (organizadores). História e Literatura: Identidades e Fronteiras. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2006, p. 22.

interpretação da realidade. Se por um lado essa adaptação ajuda a perpetuar determinados aspectos culturais do passado, por outro pode criar distorções com o passar do tempo.¹⁴ Nesse sentido, a memória se coloca como uma representação alternativa das condições históricas do tempo em que foi produzido o texto.¹⁵ Essas interpretações sugerem que as memórias, mesmo que alteradas pela a imaginação artística do escritor, ou determinadas pela época em que foram produzidas, colocam-se como alternativa para o entendimento da cultura e das estruturas socioeconômicas de uma época. Esse ponto foi também considerado por Norbert Elias em Sua Sociedade dos Indivíduos.¹⁶ Segundo o Sociólogo Alemão,

A sobrevivência de um grupo passado na memória de um grupo atual tem uma função de memória coletiva. Quando um grupo previamente independente abre mão de sua autonomia, seja pela união com outras unidades, seja pela assimilação numa unidade mais poderosa, isso não afeta apenas os que ora vivem. Muito do que aconteceu nas gerações passadas, do que continuou a viver na memória coletiva, na imagem-donós do grupo, modifica-se ou perde sentido quando se modifica a identidade grupal e, por conseguinte, sua imagem-do-nós.¹⁷

Existe aqui, entretanto, um problema metodológico. O escritor de ficção, quando produz um texto sobre determinada região e época, constrói as personagens de ficção com base em sua memória individual. Esse é o caso de Távora que imagina, em *O Matuto*, sua sociedade da Zona da Mata Pernambucana com base em sua experiência vivida na infância ou juventude. O problema é que se trata das experiências vividas pelo autor, o seja, de um processo de construção da memória individual. Mas a memória relevante para a História deve ser a coletiva. Esta contradição foi tratada pela historiadora Helenice Rodrigues da Silva, que considera muito mais as semelhanças do que as diferenças nos dois conceitos de memória. Ao considerar os trabalhos de Paul Ricoeur e Maurice Halbwachs, a autora afirma que a memória, por ser um

Objeto de manipulações frequentes (de ordem política e ideológica), a memória (individual e coletiva) passa, assim, a integrar o "território do historiador". Inspirando-se em análises psicanalíticas (sobre o "recalque", o "luto") e filosóficas (sobre o tempo, o silêncio, etc.), o historiador do presente desempenha, nesse trabalho de resgate da memória, uma função de mediador, à imagem de um analista. Procurando adequar os relatos de memórias individuais à veracidade histórica, ele elabora uma reflexão

14 BURKE, Peter. O que é História Cultural (tradução Sergio Goes de Paula). 2ª. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 89.

15 Sobre esse ponto, ver BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. Revista de Teoria da História. Ano 1, número 3, junho/2010, p. 95 - 109.

16 ELIAS, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos. Organização de Michael Schroter; tradução de Vera Ribeiro; Revisão técnica e notas de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ELIAS, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos. Op. cit., p. 182.

sobre a própria temporalidade. Em outras palavras, cabe-lhe a tarefa da apreensão da relação do presente da memória (de um acontecimento) e do passado histórico (desse acontecimento), em função da concepção de um futuro desse passado. "O trabalho da história se entende como uma projeção, do nível da economia das pulsões ao nível do trabalho intelectual dessa dupla tarefa que consiste na lembrança e no esquecimento."¹⁸

Ou seja, como o indivíduo vive numa sociedade e com ela se relaciona, não há necessariamente uma contradição entre a memória individual e a memória coletiva.

De volta ao *O Matuto* de Távora, o próximo passo desta pesquisa consistirá em atestar a verossimilhança em torno dos personagens de ficção que contextualizam o romance regionalista. Esse tom real da ficção foi considerado por Eduardo Vieira Martins, ao analisar as *Cartas a Cincinato*, elaboradas por Távora e que tiveram como destino os romances de José de Alencar. Segundo Martins, Távora buscou descrever os ambientes que contextualizaram sua ficção, utilizando-se da imaginação artística lastreada na memória e no conhecimento da história e da tradição literária da região.¹⁹ Essas fontes podem ser percebidas em *O Matuto*, cujo meio de vida das personagens se mistura ao folclore nordestino. Veremos que não é a Guerra que se coloca como relevante para a história, mas a ficção dos personagens que vivem no mundo dos lavradores ou matutos. Mais do que isso, Távora, em seu "bairrismo", se afastou dos preconceitos raciais moldados em torno do darwinismo-social que, naquele momento, buscava se estabelecer como método de interpretação social.

***O Matuto* e a vida dos lavradores no complexo da cana na Zona da Mata Pernambucana**

O escritor João Franklin da Silveira Távora teve intensa vida intelectual e política que contribuíram para sua erudição, particularmente sobre a História do Brasil. Nascido no município de Baturité, Ceará, no ano de 1842, transfere-se logo aos 5 anos de idade para a cidade pernambucana de Goiana. No início da fase adulta, se estabelece no Recife para cursar Direito na Faculdade de Direito da capital pernambucana. Essa fase teve grande influência em sua formação com escritor, não apenas pelo estudo do Direito, mas também pelo contato com as disciplinas de História, Filosofia e a Economia Política e pela relação intelectual e de amizade com "ilustres" personagens de sua época, como Tobias Barreto e Silvio Romero, fundadores da denominada Escola de Recife.²⁰ É nesse momento que Távora elabora seus primeiros ensaios literários,

18 Ver da Silva, Helenice Rodrigues. "Rememoração/Comemoração: As Utilizações Sociais da Memória. In Revista Brasileira de História, vol. 22, nº 44, p. 425-438, dezembro de 2002, p. 427 - 428.

19 MARTINS, Eduardo Vieira. Contra José de Alencar: Franklin Távora no Ocaso do Romantismo. In CORDEIRO, Rogério et al. A Crítica Literária Brasileira em Perspectiva. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013, p. 53.

20 A Escola de Recife, também denominada de "Geração de 70", foi um movimento intelectual surgido na Faculdade de Direito de Recife onde predominou modelos de análise dito social-darwinista, tendo como base autores como Haeckel, Darwin e Spencer. Foi liderada, no início, por Tobias Barreto e posteriormente por Silvio Romero. Sobre essa Escola, ver SCHWARZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil,

contribuindo com o jornal *O Atheneu Pernambucano*, vinculado aos estudantes do grêmio estudantil da faculdade. Sua passagem pela imprensa se estende a outros jornais pernambucanos da época, como os *A Verdade* e o *Jornal do Recife*. Em 1874 transfere-se para o Rio de Janeiro, onde passa a exercer o cargo de oficial de gabinete da Secretaria do Império. Na capital da Corte, manteve o exercício da pena na imprensa, publicando algumas de suas obras na *Revista Brasileira* e no *Jornal do Dia*, dentre outros. Em 1880 é nomeado sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde permaneceu até a sua morte, em 1888.²¹

O Matuto, junto com as obras *O Cabeleira* e *Lourenço*, constitui-se numa das peças principais da *Literatura do Norte* de Távora. O romance foi publicado originalmente em 1878 pela Tipografia Perseverança, do Rio de Janeiro. Neste artigo, utilizou-se a 2ª. Edição de *O Matuto*, publicada no ano de 1902, pela Editora Garnier. Essa escolha baseou-se no fato de não estarem disponíveis edições posteriores. Nesse sentido, as citações carregam os padrões da língua portuguesa da época, além de erros decorrentes do descuido com a edição.

O romance *O Matuto* tem como cenário a Guerra dos Mascates, cuja motivação principal estava na disputa pelo poder econômico e político entre os comerciantes das cidades litorâneas de Pernambuco e os senhores de engenho. Com *O Matuto*, Távora buscou evidenciar três grandes aspectos do *Norte* com o objetivo de destacar a importância da região no momento em que os interesses econômicos e políticos se voltavam para o *Sul* do país. O primeiro aspecto encontra-se no papel da sociedade pernambucana numa das primeiras manifestações emancipacionistas da colônia contra a metrópole portuguesa. O segundo diz respeito à tentativa do autor em evidenciar a riqueza da cultura e do folclore nordestino. O terceiro, objeto deste artigo, encontra-se nas atividades econômicas exercidas pelos protagonistas “menores” do conflito: os pequenos lavradores ou matutos.

Logo no início do primeiro capítulo, o autor define o espaço geográfico que irá permear a vida dos personagens. Trata-se de Pasmado, localizada na zona da mata pernambucana, situada entre as cidades de Goiana e Olinda:

Pasmado é uma velha povoação, outr'ora aldeia de índios, duas léguas ao norte de Iguarassú, na estrada de Goyanna. É celebre por seus ferreiros, ou mais especialmente pelas facas de ponta que estes fabricam as quaes passam pelas melhores de Pernambuco onde têm estendida e tradicional nomeada.

Não ha terra que se não distinga, por usança, defeito, qualidade ou particularidade local, que vem a ser o seu como traço característico, a sua feição dominante. Quem passa por Tigipió, na estrada de Jaboatão,

1870 - 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

21 Essa descrição baseou-se em AGUIAR, Cláudio. Franklin Távora e o Seu Tempo. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: ABL, 2005.

encontra a cada canto tocadores de viola que vêm alegres, e pé no matto pé no caminho. Dos casebres do Barro o que logo se mostra aos olhos do viandante são mulheres mettediças, com as cabeças cobertas com flores, os cabeções arrendados e decotados, os seios quasi de fora. Costumes dos povoados onde ainda não tiveram grande entrada o trabalho e a instrução.²²

Nessa citação, além do espaço geográfico, Távora descreve o grupo social das personagens que serão as principais protagonistas do romance. São elas os matutos ou sertanejos pobres que, sem qualquer instrução e que buscam sobreviver num ambiente rústico e, na medida do possível, tentam superar suas angustias e privações materiais. Trata-se do grupo dos “excluídos” presentes na sociedade escravista da cana-de-açúcar pernambucana da Zona da Mata. A sobrevivência desse grupo não se dá apenas pelos ofícios realizados em torno da produção de cana, mas também em atividades de subsistência e no comércio local. As referências sobre as atividades produtivas realizadas pelos matutos se repetem ao longo do romance e se mesclam com a cultura popular, como a festa junina, os repentes, as comidas típicas e o artesanato, sendo este último representado na citação pelas tradicionais *facas de Pasmado*, instrumento de trabalho e sobrevivência do nordestino. Destaca-se ainda a presença da mulher no ambiente socioeconômico e cultural dos lavradores.

O romance tem como personagens centrais o jovem matuto Lourenço e seus pais Marcelina e Francisco, mestiços e trabalhadores livres que cultivavam alimentos em um pequeno roçado, localizado próximo a algumas carvoeiras no engenho de Buriti, de propriedade do nobre sargento-mor João Cunha. Eles são descritos como lavradores pobres e analfabetos, lutando para sobreviver além do que a cultura da cana poderia oferecer. Fazem parte, entretanto, de um grupo que não era homogêneo. Francisco é descrito como um lavrador dos denominados almocreves, que ocupam a posição mais baixa na categoria dos matutos. A heterogeneidade do grupo é descrita por Távora a partir da relação do homem com a terra e demais fatores de produção:

Os matutos podem dividir-se em diferentes espécies, mas as mais comuns são as dos lavradores e almocreves. Os primeiros são os que dispõem de alguns meios, a saber, escravos, cavallos, terras, os quaes sem darem para ter um engenho ou, ao menos, para movel-o, por si sós habilitam o que os possúe, a cultivar a canna nas terras do engenho alheio, posto que sujeito a dividir como respectivo proprietário o assucar apurado em cada safra. Os últimos são os que se alugam com sua pessoa e seu cavallo para a conducção de cargas, por ajustado frete. Os lavradores são matutos limpos, que entram muitas vezes nos negócios intimos do grande proprietário, merecem a estima delles, a pezam com seu conselho na decisão dos interesses communs. Aos almocreves já não succede o mesmo.

22 TÁVORA, Franklin. O Matuto - Chronica Pernambucana. Op. cit., p. 1.

Paga-lhes o senhor de engenho o salário, e elles retiram-se a seus casebres onde vão comer, com a mulher e com a ninbada de filhos que ordinariamente contam, o escasso pão que lhes deram o cavallo magro e o trabalho puxado e cançado.²³

Nessa e em outras descrições, percebe-se que as intenções de Távora vão além do que poderia ser o núcleo central de seu romance. Sua preocupação é mostrar o mundo dos trabalhadores livres no exercício de atividades complementares dentro do complexo canavieiro escravista. Nesse grupo, os mais privilegiados detinham algumas posses que incluíam, além da terra, a propriedade de alguns escravos.

No romance, é possível encontrar uma visão otimista em relação à vida dos matutos. Tal visão se encontra na possibilidade de ascensão social dentro do grupo dos lavradores, algo difícil de imaginar em uma sociedade onde a estrutura econômica girava em torno da relação entre os fazendeiros e os escravos.²⁴ Essa possibilidade pode ser lida em um diálogo entre Marcelina e seu jovem filho Loureço, que indaga a mãe sobre a condição pouco privilegiada da família em um mundo de riquezas nas plantações de cana da região:

— Si meu pae tivesse um engenho, a coisa havia de ser outra — dizia elle de quando em quando no curso da narração.

— E porque não ha de ter? inquiriu Marcellina. Si tu nos ajudares, no fim de alguns annos poderemos comprar uma engenhoca, ou ao menos um torcedor. Do torcedor vae-se á engenhoca, e da engenhoca ao engenho. Tu bem vêes que todos nós trabalhamos. Onde está Francisco? Foi á villa vender abacaxis. Eu, como vêes, estou fazendo minhas esteiras para elle levar a quem ás encommendou aqui adiante, na encruzilhada. Só tu não tabalhas ainda. E queres um engenho! Sem trabalhares não has de ter nem de comer nem de vestir, quanto mais engenho.

Pensando comsigo só, Lourenço levantou-se sem dizer palavra, deu volta pelo sitio, e tornou á salinha da casa, que era a officina de Marcellina. (...)

Trabalhar já era uma lei de seu espirito. Adquirir meios de comprar um engenho foi idéa que nunca mais o abandonou, antes constituiu a sua primeira e mais forte ambição. Por isso não perdia tempo, ou antes Marcellina o não deixava perder.²⁵

Ou seja, as privações poderiam ser revertidas pelo trabalho e pela comercialização dos produtos da lavoura junto às cidades próximas. Nesse otimismo, destaca-se outra possibilidade de superação da pobreza. Trata-se das ações

23 TÁVORA, Franklin. *O Matuto - Chronica Pernambucana*. Op. cit., p. 28 - 29.

24 Nesse sentido, Távora de certa forma desmente uma das hipóteses defendidas por Roberto Schwarz que, em sua *As Ideias Fora do Lugar*, defendeu a tese de que na sociedade escravista brasileira, onde as relações de trabalho giravam em torno do grande proprietário agrícola e seus escravos, não abria espaço para o surgimento de uma classe média empreendedora. Ver Schwarz, Roberto. *As Ideias Fora do Lugar: Ensaios Selecionados*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

25 TÁVORA, Franklin. *O Matuto - Chronica Pernambucana*. Op. cit., p. 68 - 70.

empreendedoras de Marcelina, ao construir um pequeno estabelecimento comercial junto à moradia da família:

De ha muito Marcellina batalhava com o marido para que lhe arranjasse uma taboa, de que dizia ter grande necessidade. Por esquecimento ou por não lhe sobrar tempo, o matuto estava ainda em falta para com ella. Naquelle dia Marcellina, que, quando tinha qualquer idéa que lhe parecia vantajosa, não descançava emquanto a não punha por obra, lembrou-se de um meio de realisar sua intenção, sem ser preciso o concurso do marido.

Não a porta, mas a janella da casa achou Francisco fora do seu logar; só os portaes tinham ficado na mesma posição que d'antes. As dobradiças tinham sido mudadas para o batente inferior, a fim de que a porta, em vez de ser aberta pelo lado, o fosse pela parte superior, e de modo que, cravado da banda de dentro no chão um páo que chegasse ao nivel do primeiro batente, formasse ella, descançando sobre a cabeça do dito páo, um como balcão que pudesse ser visto por quem passasse pela estrada. O fim de Marcellina, realisando esta mudança, era ter onde expor aos viandantes fructas, tapiocas e outros productos do commercio doméstico.

Esta pequena industria é muito praticada nos caminhos do norte. Quantas vezes, em minhas digressões pelas províncias de Pernambuco e Alagoas, não tive occasião de chegar-me, montado em meu cavallo, ao pé da janella ou do balcão movei da casinha pobre, onde se mostravam fructos frescos e sazoados, e de os comprar para nelles me desalterar do calor do sol e do canção da jornada!²⁶

Na citação, é possível perceber o papel das memórias do autor sobre o comércio local de frutas expostas nas janelas e balcões junto às pobres casas existentes no meio rural em suas andanças por Alagoas e Pernambuco. Interessante notar o papel de destaque dado à mulher no mundo dos matutos. Em várias partes do romance, Marcelina se apresenta como tendo posição de destaque nas atividades econômicas e é descrita como uma mulher “trabalhadeira poüpona e ajuntadeira, que com as escassas economias de suas industrias ajudava o marido a achar a felicidade no seio da poberza, e guardava a idéa de libertar-se deste estado ás custas do seu esforço”.²⁷

O que chama a atenção no romance é a atividade do comércio doméstico exercida pelos matutos como forma de complementação da renda. Esse comércio não ficava restrito ao local da venda, mas também era realizado junto às cidades de Goiana e do Recife:

26 TÁVORA, Franklin. *O Matuto - Chronica Pernambucana*. Op. cit., p. 43 - 44.

27 TÁVORA, Franklin. *O Matuto - Chronica Pernambucana*. Op. cit., p. 32.

Vivia assim feliz, sem ter coisa alguma que lhe causasse inquietação nem tristeza, aquelle casal pobre, mas honrado e discreto, só pedindo a Deus que lhes desse chuva e sol nos tempos óportunos, para que o milho, o feijão, a mandioca, a macaxeira, as batatas, os abacaxis não morressem alagados ou queimados, e que não lhes mandasse doenças graves que os privassem do trabalho, sua distracção e prazer de todo dia.

Marcellina não ficava ahi, levava ainda além o seu espirito emprehendedor, a sua notabilissima vocação para o pequeno commercio.

Criava porcos, gallinhas, patos e perus. Nos tempos de festa os porcos ou eram vendidos por bom dinheiro na villa, ou ella os retalhava, e em sua casa expunha á venda a carne e o toucinho, sempre com tão boa cabeça que só lhe ficava a porção que reservava para seu próprio uso. A's vezes, desta mesma parte fazia o picado e o sarapatel para vender aos matutos que eram perdidos por estas espécies de comidas.

Quando criações estavam muito augmentadas, Francisco mettia-as nas capoeiras, e ia vendel-as em Goyanna, importante centro commercial de toda aquella redondeza, como o Recife já o era de todo o norte por aquelles tempos. Voltava de Goyanna trazendo parte dos gêneros apurada em boa moeda, e a outra parte empregada em fazendas para uso da casa.²⁸

Nessa citação, é possível visualizar os produtos cultivados pelos matutos: algodão, feijão (mulatinho, branco e preto), milho e frutas em geral, com destaque para o caju, o abacaxi e a laranja, a mandioca, as batatas e o junco. É possível também encontrar algumas comidas típicas do Nordeste como o toucinho, o sarapatel, a tapioca e a canjica, além da aguardente. Destaca-se ainda a produção artesanal como cestos, gaiolas, balaios e esteiras de cangalha, além das *facas de Pasmado*. No tocante à produção animal, tem-se a criação de porcos, galinhas, patos e perus. Interessante perceber que, no romance, não há referências aos produtos relacionados com a pecuária bovina, atividade que era exercida no interior nordestino, muito além da zona da mata. Os motivos e relevância dessa omissão serão considerados mais adiante.

No romance, Távora dá pouco destaque aos escravos na lavoura canavieira. Sabe-se que o autor era abolicionista, fato que pode ser atestado pelas suas manifestações na imprensa, quando ainda era estudante de Direito.²⁹ Há entretanto uma passagem em que o autor descreve o fazendeiro João Cunha como tendo uma “tradição de sangue”, já que alguns dos seus cativos tinham morridos “ nos açoites, e de um até se dizia que fora atirado vivo, não sabemos por que motivo, na fornalha do engenho, onde morreu queimado”.³⁰ Ainda assim os escravos do fazendeiro eram tidos como leais e faziam parte de seus exércitos na guerra. O recrutamento era feito muitas vezes em troca da

28 TÁVORA, Franklin. O Matuto - Chronica Pernambucana. Op. cit., p.43 - 45.

29 Na Faculdade, Távora traduz um texto abolicionista do escritor francês Victor Hugo. Junto com a tradução, apresenta um prefácio onde ataca o sistema escravista do Império. Sobre esta tradução e as ideias abolicionista de Távora, ver AGUIAR, Cláudio. Franklin Távora e o Seu Tempo. Op. cit.

30 TÁVORA, Franklin. O Matuto - Chronica Pernambucana. Op. cit., p. 117.

promessa de alforria. Havia também o assédio exercido pelos mascates ao incentivar os escravos a traírem seus proprietários também com a promessa da liberdade. No calor do conflito, Pedro Lima, um dos soldados da causa dos mascates, assedia Germano, escravo do fazendeiro João Cunha.³¹ Num primeiro momento, Germano aceita a proposta, mas se arrepende e, no final, voltando a defender seu senhor ao liderar um grupo de escravos contra os mascates. Nessa mudança de atitude, Germano confessa a Marcelina seu arrependimento afirmando que “todo captivo deseja ficar livre, ainda que seja muito bem tratado por seu senhor, como sou eu na escravidão”.³² Essa atitude de lealdade também pode ser lida no confronto final, quando a esposa de João Cunha, D. Damiana, junto com Marcelina, assume a artilharia em estratégia de defesa da fazenda contra o avanço dos mascates, tendo como “soldados” seis de suas escravas.³³ Há também referências ao modo de vida dos escravos no grupo denominado por Távora de “inquilinos da palhoça”, que possuíam um pedaço de terra para o cultivo de subsistência.³⁴ Essa denominação é utilizada para caracterizar um casal de negros, cujo roçado situava-se em um sítio próximo ao da família de Lourenço. Numa determinada passagem do romance, Lourenço fere, numa briga, o filho do casal de escravos. Marcelina, preocupada com a situação, encaminha-se para a casa dos pais do jovem negro com o intuito de se desculpar pelo delito cometido por seu filho. A escrava mãe, ao aceitar as desculpas, revela a angústia de não poder contar com o trabalho do seu filho que, naquele dia, iria ganhar alguns *cobres* limpando a roça de outro pequeno lavrador. Marcelina oferece então Lourenço para realizar a tarefa, além de disponibilizar alguns cestos e esteiras de cangalha para que o casal de negros pudesse vender e assim resolver a falta.³⁵ O desfecho desse pequeno incidente indica a existência, dentro da categoria dos escravos “inquilinos da palhoça”, de atividades remuneradas exercidas pelos membros da família, incluindo o comércio. Note-se também que o diálogo é estabelecido pelas mulheres, o que reforça a visão do autor sobre a importância do gênero feminino nas atividades complementares dos “excluídos”.

Na leitura do romance, pode-se ainda encontrar uma rica descrição universo de profissões exercidas nas cidades de Recife, Olinda e Goiana. Ao longo do texto, são descritos os seguintes ofícios urbanos: ferreiros, cantadores e repentistas, músicos em geral (atividade característica dos negros), sapateiros, alfaiates, peixeiros, ourives, taberneiro, barqueiros (denominados de barcaceiros) e caixeiros, além de juizes e policiais.

Se o romance, em seu caráter histórico, busca realçar as virtudes da sociedade

31 TÁVORA, Franklin. O Matuto - Chronica Pernambucana. Op. cit., p. 222.

32 TÁVORA, Franklin. O Matuto - Chronica Pernambucana. Op. cit., p. 227.

33 TÁVORA, Franklin. O Matuto - Chronica Pernambucana. Op. cit., p. 307.

34 TÁVORA, Franklin. O Matuto - Chronica Pernambucana. Op. cit., p. 18.

35 TÁVORA, Franklin. O Matuto - Chronica Pernambucana. Op. cit., p. 87 - 88.

pernambucana nas ações exercidas pelos senhores de engenho na Guerra dos Mascates, sua ficção concentra-se nos “excluídos”, já que o autor não se furta em denunciar a pobreza e a falta de instrução no grupo dos lavradores. Nessa interpretação, o heroísmo pernambucano também estaria nos esforços empreendidos pelos matutos na superação das privações, conforme explicitado pelo autor após a descrição da “vida feliz” do casal:

Não se pretende fazer nestas palavras a apologia da ignorância, nem da pobreza, que são dois maiores males da terra; o que desde rapido esboço de dous caracteres puros e respeitaveis se aspira a inferir é que o bom natural traz em si mesmo, como por instinto, a sciencia da vida, e que o trabalho, ainda o mais humilde, é o primeiro meio de supprir as faltas da fortuna e vencer os defeitos da condição.³⁶

Percebe-se então que a ideia de progresso considerada por Távora vai muito além dos engenhos de cana que, já no final do século XVIII, encontravam-se em franca decadência. O empreendedorismo de Marcelina, os inúmeros produtos cultivados e comercializados, além da possibilidade de ascensão social sugerem que o autor buscou resgatar a importância da região na luta dos matutos pela superação das privações do meio. Essa intenção já era lida no prefácio de *O Cabeleira*, quando o autor se refere à natureza vazia do Norte:

- Que não seria deste mundo – pensei eu, descendo das eminências da contemplação às planícies do positivismo -, se nestas margens se sentassem cidades; se a agricultura liberalizasse nestas planícies os seus tesouros; se a fábricas enchessem os ares com seu fumo, e se neles repercutisse o ruído das suas máquinas? Desta beleza, ora a modo de estática, ora violenta, que fontes de rendas não haviam de rebentar? Mobilizados os capitais e o crédito; animados os mercados agrícolas, industriais, artísticos, veríamos aqui a cada passo uma Manchester ou uma Nova York. (...). Não se mostrariam mais aqui as tendas negras da fome e da nudez. O trabalho, o capital, a economia, a fartura, a riqueza, agentes indispensáveis da civilização e grandeza dos povos, teriam lugar eminente nesta imensidade onde vemos unicamente águas, ilhas, planícies, seringais sem fim.³⁷

Seria então pelo trabalho e pela mobilização do capital e crédito que a região encontraria o seu progresso econômico. É bem verdade que se pode ler em Távora algum bairrismo, como destacou alguns de seus críticos. Entretanto, as possibilidades econômicas da região, junto com o heroísmo e a cultura do nordestino, eram características a serem evidenciadas. Por elas, o Norte não deveria ser esquecido. Mas

³⁶ TÁVORA, Franklin. *O Matuto - Chronica Pernambucana*. Op. cit., p. 46.

³⁷ TÁVOLA, Franklin, *O Cabeleira*. Op. cit., p. 26.

era necessário que o Império compartilhasse com a região a atenção que naquele momento se voltava cada vez mais para o *Sul* do café, com suas grandes cidades e imigrantes.

Outra interpretação que se pode ler no otimismo de Távora refere-se à questão racial. No início do romance, Lourenço é descrito como um jovem valentão e violento, perdido no meio rural e prestes a seguir o caminho do banditismo que, na região, se manifestava por meio do cangaço. Entretanto, ao ser adotado por Francisco e Marcelina, Lourenço é salvo do banditismo. Pode-se então considerar outra ideia de progresso compartilhada pelo autor: a redução da violência pelo trabalho e pelo acolhimento familiar.

A violência presente no Nordeste foi considerada por Távora em seu romance *O Cabeleira*, que trata do cangaço na figura do bandido Cabeleira que, depois de protagonizar inúmeros atos fora da lei, é preso e executado pela justiça. No final do livro, Távora manifesta sua opinião sobre o banditismo presente na região e os possíveis caminhos para sua superação:

A justiça executou o Cabeleira por crimes que tiveram sua principal origem na ignorância e na pobreza.

Mas o responsável de males semelhantes não será primeiro que todos a sociedade que não cumpre o dever de difundir a instrução, a fonte da moral, e de organizar o trabalho, fonte da riqueza?³⁸

Em seguida, Távora reafirma os males da pobreza:

À pobreza, que é na realidade uma desgraça, deve a sociedade atribuir o maior número dos crimes que pune e dos erros e faltas que não se julga como o direito de punir. A pobreza nunca foi nem será jamais um elemento de elevação; ela foi e será sempre um elemento de degradação social.³⁹

Essa visão de Távora em relação à violência destoa daquelas construídas no âmbito das teorias raciais que irão prevalecer entre o final do século XIX e início do XX. Nas palavras de Lilia Schwarcz, aquele era o momento (final do século XIX e início do XX) em que evolucionismo social-darwinista, o positivismo e o naturalismo teve “como horizonte de referência o debate sobre os fundamentos de uma cultura nacional em oposição aos legados metropolitanos e à origem colonial”.⁴⁰ Dentre essas teorias, destacam-se aquelas moldadas na relação entre a medicina e a antropologia e que teve

38 TÁVOLA, Franklin, *O Cabeleira*. Op. cit., p. 192.

39 TÁVOLA, Franklin, *O Cabeleira*. Op. cit., p. 193.

40 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil, 1870 - 1930*. Op. cit., 2012, p. 38.

em Raimundo Nina Rodrigues uma das suas expressões mais influentes. Trata-se de um período em que muitos intelectuais passam a investigar as causas da banditismo nas características raciais do criminoso, e não no seu ato ou condição social.⁴¹ Apesar desse “ambiente” e do convívio com os fundadores da Escola de Recife, Távora se colocou distante dos preconceitos raciais ao considerar a violência como uma questão essencialmente social.⁴² Para o escritor, o fim das privações materiais e da violência poderiam ser alcançadas por alternativas de trabalho e pela educação; porém era necessária maior atenção da Corte para os problemas econômicos e sociais da região. Essa era uma das reivindicações de Távora em seu embate literário contra o *Sul*.

A questão que se coloca neste momento é o quão é verossímil é o mundo da ficção do *O Matuto*. Tal questão pode ser tratada a partir da comparação dos relatos presentes no romance com algumas pesquisas realizadas por historiadores contemporâneos em torno da sociedade da cana-de-açúcar no período escravista dos séculos XVIII e XIX. Trata-se de um procedimento no âmbito da Literatura Comparada que, segundo Tânia Carvalhal, ao se considerar a intertextualidade entre o literário e o histórico, é possível se ter uma melhor avaliação acerca dos procedimentos textuais pela identificação, em ambos, de “esquemas narrativos semelhantes e semelhantes esquemas de compreensão”.⁴³

O mundo descrito por Távora faz parte do que se pode denominar de “projeção da economia açucareira”, utilizando a expressão considerada por Celso Furtado em sua *Formação Econômica do Brasil*. Segundo Furtado, a economia do açúcar, que se instalou na região litorânea nordestina, pelo seu dinamismo e alta produtividade, acabou gerando um mercado que pôde beneficiar outras atividades econômicas.⁴⁴ De um lado, surge a pecuária, que se estabelece no interior nordestino como o objetivo de fornecer carnes e bois de tração para o abastecimento dos engenhos e das populações das cidades litorâneas. De outro, se constitui nas fazendas próximas ao litoral produções de subsistência ou mesmo para o abastecimento dos mercados urbanos, incluindo a comercialização de formas rudimentares de artesanato. Para Furtado, essas atividades restringiam-se ao âmbito local e eram conduzidos por pequenos produtores agregados às fazendas, incluindo alguns escravos, já que a alta rentabilidade da cana não criava qualquer incentivo para que os grandes proprietários desviassem recursos para outras atividades ditas secundárias. Conforme destacado anteriormente, no mundo dos lavradores de *O Matuto* não há qualquer menção sobre a pecuária bovina.

41 Neste ponto, destaca-se a opinião de Raimundo Nina Rodrigues que, em seu *Africanos no Brasil*, definiu a criminalidade étnica como “resultante da coexistência, numa mesma sociedade, de povos ou raças em fases diversas de evolução e jurídica” RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil*. 4ª. Edição. São Paulo: Editora Nacional; Brasília, INL, 1976, p. 272. Sobre a trajetória do darwinismo social no Brasil, Ver SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil, 1870 - 1930*. Op. cit., 2012.

42 Essa interpretação difere daquela considerada por Cristina Betioli Ribeiro, que considerava considera o personagem Cabeleira como produto da raça e do meio. Ver Ribeiro, RIBEIRO, Cristina Betioli. *Um Norte Para o Romance Brasileiro: Franklin Távora Entre os Primeiros Folcloristas*. Op. cit., p. 144. Apesar de Távora considerar o mestiço em seus romances, não há referências sobre a miscigenação como fonte dos males presentes no mundo dos matutos.

43 CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada: a Estratégia Interdisciplinar*. Revista Brasileira de Literatura Comparada. Volume 1, número 1, 1991, p.13.

44 FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 27ª. Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Publifolha, 2000, p. 57.

Segundo Furtado, essa atividade foi incompatível com a produção açucareira na faixa litorânea. Além da alta produtividade do açúcar, existiam conflitos decorrentes da possível penetração do gado na lavoura. Para o historiador econômico, essas características levaram o governo português a proibir a criação de gado na faixa litorânea.⁴⁵ Ou seja, a omissão destacada anteriormente reforça a verossimilhança do mundo das personagens d' *O Matuto*.

No que diz à heterogeneidade descrita por Távora para o grupo dos matutos, podemos recorrer à interpretação realizada por Gilberto Freire em sua obra *O Nordeste*. Segundo Freire, na relação entre o homem nordestino e a cultura canavieira, as condições de vida, de trabalho e de alimentação rural criou vários tipos de lavradores no exercício das atividades de subsistência. O autor sugere ainda que mestiços e negros tiveram participação ativa na Guerra dos Mascates, tanto do lado dos engenhos quanto pela causa dos mascates.⁴⁶

A heterogeneidade do grupo dos lavradores também pode ser encontrada em pesquisas mais recentes, como a de Francisco Vidal Luna e Herbert S. Klein sobre a sociedade escravista em Pernambuco. Segundo esses autores, a complexidade produtiva presente nos engenhos, particularmente no que diz respeito à elevada escala de produção, aumentou a importância dos lavradores não escravos nas fazendas. Mesmo considerando a escassez de estatísticas sobre o tema, os autores defendem a existência de um grupo heterogêneo que incluíam alguns lavradores de medianas posses.⁴⁷

A complexidade social presente na lavoura canavieira também foi explorada por Stuart Schwartz, em seu estudo sobre a escravidão no Brasil. Segundo Schwartz, na grande fazenda havia certa mobilidade social que permitia a transformação de “lavradores em proprietários, escravos em libertos, trabalhadores em patrões”.⁴⁸ Para o autor, no grupo dos lavradores do engenho, era também possível incluir comerciantes e artesãos.⁴⁹ O autor destaca ainda, no grupo de escravos, a existência de alforrias como recompensa pela lealdade ao senhor de engenho.⁵⁰ Em relação à posição social dos lavradores, merece destaque a descrição realizada por Emília Viotti da Costa no contexto das relações de trabalho livre na grande propriedade rural escravista. Segundo a autora, os pequenos lavradores e comerciantes informais, moradores da fazenda, constituíam a base do poder político das elites açucareiras. Também exerciam funções

45 FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Op. cit., p. 60.

46 FREIRE, Gilberto. *Nordeste: Aspectos da Influência da Cana Sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951. No caso da participação dos matutos e escravos na guerra, Freire argumenta que: “no dia em que foi bem estudada a chamada Guerra dos Mascates, talvez se verifique que os mestiços de Recife estiveram, muitos deles, ao lado de mecânicos e até de mascates portugueses”. FREIRE, Gilberto. *Nordeste: Aspectos da Influência da Cana Sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil*. Op. cit., p. 181.

47 LUNA, Francisco Vidal e KLEIN, Herbert S. *Escravidão no Brasil* (tradução Laura Teixeira Motta). São Paulo: Editora da USP/Imprensa Oficial, 2010, p. 101.

48 SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial - 1550 - 1835*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 261.

49 SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial - 1550 - 1835*. Op. cit., p. 254.

50 SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial - 1550 - 1835*. Op. cit., p. 275.

de capangas e cabos eleitorais, estando sempre à disposição dos interesses do grande proprietário rural, dependendo dos favores destes para exercerem suas atividades.⁵¹ Essa lealdade pode ser lida no papel exercida pelas personagens do romance de Távora junto aos senhores de engenho no conflito que contextualiza a ficção.

Deve-se considerar ainda o papel das mulheres no mundo dos engenhos e nas cidades pernambucanas que, na ficção de Távora, é representado pelas ações de Marcelina no comércio local e junto às cidades. Nesse ponto, merece destaque a pesquisa realizada por Suely Creusa Cordeiro de Almeida, que traça um panorama acerca das atividades econômicas exercidas pelas mulheres negras e mestiças na Capitania de Pernambuco no século XVIII. Segundo a autora e a despeito da escassez de documentos que pudessem destacar o gênero feminino nas atividades econômicas, posto que os registros fossem realizados por homens numa sociedade carregada por preconceitos, é possível identificar inúmeros ofícios realizados pelas mulheres na cidade do Recife e cercanias, incluindo as vendas abaixo das janelas das casas, nas ruas e margens dos rios, onde era possível encontrar uma vasta gama de produtos, dentre eles alimentos e artesanatos.⁵² Segundo a autora, tais atividades eram motivadas pela necessidade de sobrevivência e experimentavam tensões e conflitos pela concorrência com o comércio formal do Recife.⁵³

De uma maneira geral, as comparações aqui realizadas, mesmo que utilizando um número limitado de autores, demonstra que as descrições em torno das atividades econômicas realizadas pelos pequenos lavradores em *O Matuto* não se distancia daquelas consideradas pela historiografia. A dificuldade, talvez, esteja em identificar com precisão o período dos relatos, já que o tempo da narrativa (século XVIII) difere do tempo do autor (século XIX). A análise sugere, entretanto, que o tempo relevante é aquele presente nas memórias do autor. Nesse sentido, as descrições referem-se a estruturas formadas durante o período colonial e que permaneceram, pelo menos em seus aspectos gerais, no sistema escravista nordestino do século XIX.

Considerações finais

Apesar da repercussão de suas *Cartas à Cincinato*, Távora não obteve o mesmo reconhecimento alcançado por José de Alencar. Entretanto, manteve sua intenção de considerar a imaginação baseada no “lastro real”, na expressão utilizada por Antonio Candido. Em *O Matuto*, além de considerar a *Guerra dos Mascates* como evento histórico como forma de evidenciar o heroísmo pernambucano, descreve inúmeros aspectos presentes na vida dos pequenos lavradores dos engenhos de cana-de-açúcar

51 COSTA, Emília Viotti. Da Monarquia à República: Momentos Decisivos. 9ª. Edição. São Paulo: Editora da UNESP, 2010, p. 282 - 283.

52 ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. História de Gente Sem Qualidade: Mulheres de Cor na Capitania de Pernambuco no Século XVIII. In FLÁVIO, José Gomes Cabral e COSTA, Robson (organizadores). História da Escravidão em Pernambuco. Recife, Editora Universitária da UFPE, 2012, p. 46.

53 ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. História de Gente Sem Qualidade: Mulheres de Cor na Capitania de Pernambuco no Século XVIII. Op. cit., p. 59.

da Zona da Mata Pernambucana. No romance regionalista, definido pelo autor como histórico, foi possível traçar um quadro que permitiu a visualização de inúmeros aspectos socioeconômicos e culturais presente no grupo dos “excluídos”, representados na ficção do romance pelos matutos. Na obra, foi possível encontrar informações sobre hierarquia presente neste grupo social, os produtos cultivados na lavoura, alguns pratos típicos e artesanatos, além do comércio local como alternativa de complementação da renda familiar. Foi possível ainda considerar a possibilidade de ascensão social, o que revela o otimismo de Távora em relação ao progresso econômico numa região caracterizada pela pobreza, violência e falta de instrução, frutos da colonização e agravados pela decadência da cana-de-açúcar. Ou seja, a importância do *Norte* estaria não apenas na história da Guerra dos Mascates, mas na cultura e na economia dos matutos. Para Távora, a pobreza era resultado de um processo de (des) construção social em curso no Brasil daquela época.

O artigo buscou ainda contribuir para estudo da relação entre a literatura e a história. Mesmo que se considere a concepção de romance histórico presente no romance *O Matuto* de Távora, é nos personagens de ficção que se encontram as informações que podem ser valiosas para a historiografia. Nesse ponto, destaca-se o papel da memória do escritor no exercício de interpretação de uma época, ou seja, como fonte complementar aos instrumentos e métodos tradicionais de pesquisa utilizados pelo historiador. Essa importância se destaca particularmente no âmbito da História Cultural. O artigo considerou ainda a possibilidade da comparação como forma de atestar a verossimilhança da ficção presente no romance de Távora. Deve-se destacar ainda que cada obra literária contempla aspectos específicos em torno da relação interdisciplinar aqui considerada. De qualquer forma, o romance brasileiro oitocentista se coloca em posição privilegiada nessa relação, principalmente quando são escassas as fontes de pesquisa para a História.

Recebido em 21 de junho de 2019.

Aprovado em 10 de dezembro de 2019.